UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS – ICEAC
CURSO TECNOLOGIA EM GESTÃO DE COOPERATIVAS

JÉSSICA STERN THUROW

**QUANDO AS REFERÊNCIAS ESTÃO NA CIDADE: HISTÓRIAS
COMPARTILHADAS SOBRE O ÊXODO RURAL EM SÃO LOURENÇO DO
SUL/RS**

SÃO LOURENÇO DO SUL, RS
2023

JÉSSICA STERN THUROW

**QUANDO AS REFERÊNCIAS ESTÃO NA CIDADE: HISTÓRIAS
COMPARTILHADAS SOBRE O ÊXODO RURAL EM SÃO LOURENÇO DO
SUL/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso do curso
de Gestão de Cooperativas, pela
Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Instituto de Ciências Econômicas,
Administrativas e Contábeis - ICEAC

Professora Orientadora: Dra. Adriana Paola
Paredes Peñafiel

SÃO LOURENÇO DO SUL, RS

2023

JÉSSICA STERN THUROW

**QUANDO AS REFERÊNCIAS ESTÃO NA CIDADE: HISTÓRIAS
COMPARTILHADAS SOBRE O ÊXODO RURAL EM SÃO LOURENÇO DO
SUL/RS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Tecnologia em Gestão de Cooperativas da Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Campus São Lourenço do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Tecnóloga em Gestão de Cooperativas, aprovado pela comissão de avaliação abaixo assinada:

Prof^a. Dr^a. Adriana Paola Paredes Peñafiel (FURG)
(Orientadora - FURG)

Prof^a. Dr^a. Liandra Peres Caldasso (FURG)

Prof^a. Dr^a. Larissa Ferreira Tavares (FURG)

São Lourenço do Sul, 26 de Julho de 2023.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que estiveram ao meu lado durante esses anos de formação. A minha família e em especial, a minha filha Kayra que é a minha fonte de inspiração. Minha mãe de coração, Célia, e minha comadre TÁCILA, que nunca largaram a minha mão durante minha formação acadêmica.

Muito obrigada a vocês!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu bom Deus, pela minha vida, pela minha saúde e por ele me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da formação;

Agradeço as minhas “duas” famílias, por sempre estarem comigo;

Agradeço à banca examinadora pela sua disposição para contribuir com o meu trabalho;

Agradeço em especial a minha orientadora Adriana, por sempre estar me ajudando no trabalho com o seu empenho e comprometimento, que em nenhum momento ela largou a minha mão, e isso foi de extrema importância para a conclusão deste trabalho;

Agradeço aos meus entrevistados e entrevistadas que aceitaram participar na minha pesquisa;

Agradeço a todos os meus professores e professoras do curso de Gestão de Cooperativas, por todo o conhecimento adquirido ao longo desses anos;

Agradeço aos meus colegas e pela amizade que o curso me proporcionou;

Enfim, agradeço aos meus amigos que me incentivaram e a todos que de alguma forma ou de outra estiveram ao meu lado.

Muito obrigada!

RESUMO

O presente estudo aborda uma pesquisa qualitativa que trata sobre os fatores que influenciaram às pessoas do interior do município de São Lourenço do Sul a migrar para cidade quando jovens. Ditas histórias provêm de pessoas que nasceram na Comunidade chamada de Bom Jesus II. Só uma pessoa nasceu na Comunidade Menino Jesus de Butiá. Ambas as comunidades estão localizadas no interior de São Lourenço do Sul. Foram realizadas sete entrevistas entre os meses de março, abril e maio do ano 2023. Como objetivo de pesquisa, proponho analisar os fatores que influenciaram na decisão de sair do interior do município de São Lourenço do Sul para trabalhar na cidade, quando jovem. A análise foi desenvolvida considerando três aspectos: a autonomia financeira, a penosidade no trabalho na agricultura e algumas reflexões sobre o futuro das comunidades. Entre as considerações finais, a pesquisa mostra que o universo simbólico confundido entre o rural e urbano permite que os valores citadinos sejam mais sedutores em detrimento dos referenciais do mundo rural. Estes valores aparecem quando os entrevistados argumentam sobre a opção de realizar uma carreira universitária, de manejar o próprio dinheiro fruto do trabalho ou de contar com possibilidades para o lazer. Apesar de que existam fatores que influenciaram a decisão do jovem de sair do meio rural, que giram entre a falta de autonomia financeira e a penalidade do trabalho na agricultura, a nostalgia do rural existe e é refletida pelas pessoas.

Palavras-chave: êxodo rural, juventude rural, agricultura familiar.

RESUMEN

El presente estudio trata de una investigación cualitativa sobre los factores que influenciaron a las personas del interior de la municipalidad de São Lourenço do Sul a migrar para la ciudad cuando jóvenes. Dichas historias provienen de personas que nacieron en la comunidad llamada de Bom Jesus II. Sólo una persona nació en la comunidad Menino Jesus de Butiá. Ambas las comunidades están localizadas en el interior de São Lourenço do Sul. Fueron realizadas siete entrevistas entre los meses de marzo, abril y mayo del año 2023. El análisis fue realizado considerando tres aspectos: la autonomía financiera, la penosidad en el trabajo de la agricultura y algunas reflexiones sobre el futuro de las comunidades. Entre las consideraciones finales, la investigación muestra que el universo simbólico confundido entre lo rural y lo urbano permite que los valores ciudadanos son más seductores en detrimento de las referencias del mundo rural. Estos valores aparecen cuando los entrevistados argumentan sobre la opción de realizar una carrera universitaria, de administrar el próprio dinheiro fruto del trabajo o de contar con posibilidades para el ocio. Apesar de que existen factores que estimulan a los jóvenes de salir del medio rural, que están entre la falta de autonomía financiera y la penosidad en el trabajo de la agricultura, la nostalgia de lo rural existe y es reflexionada por las personas.

Palabras-clave: éxodo rural, juventud rural, agricultura familiar.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Lista de entrevistados com informações de idade

LISTA DE ABREVIATURAS

FURG - Universidade Federal do Rio Grande

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

RS – Rio Grande do Sul

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

11

1. PERCURSO METODOLÓGICO

16

1. REFERENCIAL TEÓRICO

19

3.1 Projetos de vida: entre o rural e o urbano19

3.2 Agricultura familiar: relações de produção.....21

3.3 Juventudes em contextos rurais.....23

3.4 Sucessão familiar e as incertezas.....27

2. ANÁLISE DOS RELATOS COMPARTILHADOS

29

4.1. Autonomia29

4.2 Penosidade na agricultura33

4.3 Sobre o abandono do rural.....35

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

38

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....40

APENDICE 1: ROTEIRO DE PERGUNTAS.....42

APÊNDICE 02: TERMO DE CONSCIENTIMENTO.....43

1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso - TCC tem como foco de estudo compreender as motivações que fazem as pessoas migrar para as cidades quando jovens, ao invés de optar pela permanência no rural. Especificamente para este trabalho, as pessoas que participaram da pesquisa nasceram no interior do município de São Lourenço do Sul/RS. Sobre estas mesmas pessoas que compartilharam as suas histórias, alguns não são mais jovens hoje em dia, dado que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2022), classifica como jovem às pessoas entre 15 até 29 anos de idade. Mas todas as pessoas entrevistadas migraram dentro dessa faixa etária para a cidade.

O êxodo rural não é um tema novo. Mas, como aponta Abramovay et al. (1998), debater sobre a juventude rural é ainda importante porque compromete a reprodução social das famílias no campo.

Uma série de questões podem levar a saída desses e dessas jovens do campo. A partir da leitura do texto de Matte e Dessimon Machado (2017) que trata sobre a migração da população rural nos três estados da região sul do Brasil, como hipótese exponho que um dos motivos de saída dos jovens do campo consiste na falta de acesso aos estudos no interior. Quer dizer, não ter acesso à faculdade pode ser um fator importante que influencia nas pessoas jovens a ter um certo desgosto ou desinteresse em ficar no campo.

No campo, para quem fica morando com os pais, o futuro sucessor ou sucessora deve submeter-se às decisões dos pais sobre o que produzir, como produzir, muitas vezes, sem compensação financeira, a pesar de estar trabalhando tão arduamente como os progenitores. Essa situação provoca que muitas vezes os jovens não contem com autonomia e acabam não tendo sua própria renda. Dessa forma, os jovens optam por um estilo de vida que escape dessa situação.

Mas quem é esse jovem rural? De acordo com a literatura revisada (KUMMER; COLOGNESE, 2013) é aquele que reside no meio rural, que vivencia o dia a dia, é aquele que participa e que contribui para a unidade

produtiva, é aquele que se esforça, que se desafia por estar ali, fazendo com que a terra seja seu maior desafio todos os dias. Assim, pode se definir que o jovem rural é aquele que desperta o interesse pela terra, pela cultura e pela família, pois esses elementos devem sempre andar juntos.

Como justificativa, o tema escolhido tem muita importância no contexto atual, por várias pesquisas que insistem em debater sobre a evasão no campo no município de São Lourenço do Sul, o tema também tem um significado muito importante para mim pois a minha história e experiência fala sobre o mesmo, e pesquisas que falam sobre como, Kunde (2017), Becker (2021) e Kuhn (2018).

Esse objeto de pesquisa despertou ainda mais o interesse para mim porque eu também fui embora do campo e passei pela encruzilhada entre o “ficar” ou “sair” do meio rural. No entanto, devo reconhecer que já tinha uma decisão tomada desde cedo. Posso dizer que eu me contemplo dentro dessa problemática porque trabalhei até os meus 17 anos com meus pais que são agricultores. Quando meus irmãos e eu nascemos, meus pais e meus avós já eram agricultores, dentro da localidade de Bom Jesus II, segundo distrito do interior do município de São Lourenço do Sul.

Quando meus pais eram mais novos, eles plantavam batata para o consumo e também para comercializar e, depois de alguns anos, eles começaram a cultivar o tabaco. Desde então, nunca mais pararam com essa cultura. O trabalho com o tabaco é um trabalho árduo, além de insistir em uma má postura corporal, é um trabalho todo manual e pesado. É uma planta que exige muito uso de produto herbicida, o que provoca muitas vezes sentir náuseas no fim do dia depois da lida. Isso piora quando o trabalho começa de manhã cedo e a planta ainda está molhada por causa do sereno da noite, fazendo com que o veneno seja mais forte e acaba passando para a pessoa que está realizando o manuseio.

Eu sempre tive um sonho de estudar e trabalhar no meio urbano. Aos meus 18 anos me mudei para a cidade de São Lourenço do Sul, em busca de estudos e trabalho. Naquele momento, eu enxergava o meio rural como algo que não tinha muito futuro, não tínhamos muitas oportunidades no campo, não havia políticas públicas. A perspectiva que eu tinha sobre o campo consistia em

só seguir o que o pai e a mãe estavam fazendo, ou seja, continuar sendo agricultora de tabaco. Outro ponto que posso destacar é que meus pais foram criados com muitas regras, havia uma hierarquia. Meu avô, pai do meu pai, que hoje ainda está vivo, por muito tempo ainda administrou a propriedade sem dar voz ao filho. Tempo depois, o avô deixou o meu pai administrar. Contudo, para esse então, o meu pai já estava muito tempo casado com a minha mãe. Ou seja, meus pais ficaram muito tempo sem poder de decisão sobre o que plantar, como plantar.

Hoje, parece ser um pouco diferente, para o melhor, pois meu irmão casou faz um ano e ele já está administrando a propriedade do meu pai. Observo também que sobre a questão financeira, agora é dividido justamente entre os dois. Esse é um ponto muito bom porque na época em que o pai começou a assumir propriedade, o avô não deixou de gerir os ganhos da comercialização do tabaco. A questão da remuneração do meu irmão é vista como positiva no meio rural porque assim os jovens acabam permanecendo sendo reconhecidos pelo seu esforço no trabalho. Deixa de ser uma simples “ajuda”, tema que discutirei posteriormente. Hoje em dia, minha mãe está aposentada há quatro anos. Contudo, até a aposentadoria ela tinha que pedir dinheiro para o meu pai, sempre que precisava para qualquer coisa, pedia dinheiro a ele. E, eu sei que isso era um pouco constrangedor para ela porque sempre ficava naquela preocupação de não gastar muito e até acabava se sentindo culpada.

Era uma situação desconfortável e as mulheres entrevistadas, para este trabalho compartilham do mesmo sentimento. Me adiantando um pouco aos resultados, elas relataram que muitas mães daquela época viveram assim. Eu tenho uma irmã mais velha e um irmão mais novo e posso dizer que os três fomos criados da mesma forma, a infância sempre muito regrada. Depois, na época de sair para as festas, o dinheiro era muito regrado também, sempre tinha que pedir para o pai e, o que sobrava da festa, tinha que devolver. Nunca nos queixamos sobre isso, mas como a minha mente já pensava um pouco diferente, um dia resolvi que queria morar e trabalhar na cidade. Eu também tinha problemas de saúde e esse foi mais um motivo que me levou a sair de casa.

E, naquela época eu tive muitas dificuldades de me inserir no meio urbano, pois uma das coisas mais difíceis foi a adaptação na cidade. Eu consegui permanecer nove meses trabalhando em uma floricultura e não consegui continuar, me senti forçada a retornar para casa dos meus pais, porque sentia muita saudade. Uma coisa era ir para o centro urbano para algo muito pontual, como comprar vestimenta. Outra coisa é residir na cidade. Outro aspecto a compartilhar é sobre a questão financeira. Eu ganhava por mês um salário que eu não soube administrar. Então, foi mais um motivo para retornar e na época eu não tinha familiares a quem pedir ajuda na cidade. Fiquei um ano com os meus pais e tomei a decisão de novamente tentar o meio urbano. Mas, neste segundo retorno, me senti mais segura para permanecer na cidade. Foi assim que consegui me inserir, já com certa experiência e sabendo que desta vez tinha que dar certo.

Além de que era difícil essa adaptação na cidade, eu percebia que havia demanda de trabalho para pessoas que tinham migrado do campo. O comércio da cidade procurava por pessoas que também falassem a língua pomerana, porque poderia atender às pessoas que gostavam de ser acolhidas nessa língua.

No interior, nós tínhamos a nossa cooperativa onde éramos sócios, onde também não tinha muita participação ou algum incentivo que me motivasse a ficar no campo. Em um primeiro momento, eu queria associar a temática da evasão do campo pelos jovens e articulá-la com o tema das cooperativas. No entanto, hoje penso que o problema, a evasão rural pelos jovens do campo, merece atenção especial para que as cooperativas possam pensar em alguma alternativa que possa motivar os jovens a ficar no campo. O meu trabalho deve deixar um recado às cooperativas. Assim, quando retomei a pesquisa pensei em investir no problema e aprofundar na pesquisa.

Após ter explicado o meu interesse pessoal pelo tema e que pode ser de grande interesse também para as cooperativas, chego ao seguinte problema de pesquisa: quais foram os fatores que influenciaram na tomada de decisão de filhos e filhas de agricultores familiares do interior do município de São Lourenço do Sul de não continuar na atividade familiar e optar por trabalhar na cidade?

Como objetivo geral, apresento o seguinte: analisar os fatores que influenciaram na decisão de sair do interior do município de São Lourenço do Sul para trabalhar na cidade, quando jovens. Como objetivos específicos, abaixo estão a seguir;

- Estudar o contexto social, econômico, cultural no qual a pessoa entrevistada estava inserida quando optou por sair da comunidade rural para a cidade;
- Examinar os aspectos em comum que aparecem nas histórias compartilhadas pelos entrevistados e entrevistadas que explicam a saída do campo do jovem e assim analisar a experiência e adaptação na cidade das pessoas que compartilharam as suas histórias;
- Captar a perspectiva sobre o meio rural hoje pelas pessoas entrevistadas.

A continuação, na seguinte seção explicaremos o detalhe da metodologia.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Com o intuito de responder aos objetivos propostos, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, bem como a pesquisa de campo. Com relação aos dados secundários, foram revisados TCCs, livros e pesquisas científicas publicadas em artigos que foram trabalhadas na seção do Referencial Teórico.

A pesquisa é qualitativa porque ela não se preocupa com representatividade numérica e sim com a compreensão do fenômeno social que no meu caso é o êxodo rural. A pesquisa qualitativa, tal qual sinalizado por Minayo (2001), não pode ser reduzida à operacionalização de variáveis, mas sim buscar entender relações. Por exemplo, as relações entre o campo e a cidade são fundamentais para poder entender a incorporação dos valores citadinos, principalmente para as mulheres que nasceram nos rural. Entretanto, adverte Minayo (2001), o pesquisador ou pesquisadora deve estar atento e atenta para controlar o seu envolvimento na situação pesquisada ou com os sujeitos com quem se produz conhecimento. Devo confessar que por eu também compartilhar uma experiência similar à das pessoas entrevistadas, tive que me controlar para não confundir a minha história com as das pessoas. Contudo, durante a pesquisa de campo, percebi que esse era um assunto que os interlocutores queriam falar. Vale mencionar que trata-se também de uma pesquisa exploratória porque para Gil (2007), este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade à pesquisadora com o problema, com vistas de construir hipóteses mais potentes.

Com relação aos dados primários, foram realizadas entrevistas com o uso de um roteiro de perguntas abertas a sete pessoas que migraram para o centro urbano de Pelotas e São Lourenço do Sul quando jovens. As pessoas residiam, antes de migrar, na comunidade de Bom Jesus II que está localizada no segundo distrito, interior, a 45 km da cidade de São Lourenço do Sul, exceto o "V", que hoje ele reside na cidade de São Lourenço do Sul, mas a comunidade dele é Menino Jesus de Butiá, que fica localizado a 15 km da cidade. Dita comunidade também fica no interior de São Lourenço do Sul. O

motivo de ter feito entrevista com este último sendo de outra comunidade é porque faltava incluir vozes masculinas nas minhas entrevistas.

As histórias de migração foram compartilhadas por meio de chamadas de vídeo que foram gravadas e posteriormente transcritas. Foi solicitada autorização a cada uma das pessoas para participar da entrevista e gravar a sua história para fins acadêmicos. A cada pessoa se lhe foi explicado o objetivo da pesquisa e a possibilidade de parar com sua participação em qualquer momento por meio da entrega do termo de consentimento que foi devidamente assinado pelos e pelas participantes.

Desenhei um roteiro de perguntas que pudesse atingir os objetivos de pesquisa já relatados acima. Escolhi pessoas a serem entrevistadas com quem eu já tinha um vínculo de amizade, apostando que as relações de confiança poderiam ser mobilizadas para que os entrevistados e entrevistadas pudessem me compartilhar com mais detalhes sobre a sua experiência de migração. Muitas das pessoas estavam ou já tinham realizado um curso de graduação e entendiam sobre a relevância da pesquisa para a escrita do TCC.

Devo admitir que no começo fiquei muito insegura porque sou bastante tímida e tinha dúvidas sobre como criar coragem para iniciar o diálogo. Eu tinha o número de contato de alguns dos entrevistados e entrevistadas e dos outros eu tive que conseguir. Após ter conseguido todos os contatos, eu chamei a cada participante para conversar pelo WhatsApp para assim ficar mais a vontade e ver se a pessoa se disponibilizava a participar da minha entrevista.

A maioria preferiu fazer por chamada de vídeo e pelo WhatsApp, pois a minha outra sugestão era fazer chamada de vídeo pelo Zoom, mas a maioria preferia chamada por WhatsApp pois se sentiu mais à vontade e eu posso dizer que também me senti bem. Logo, após a confirmação de cada um para participar, marquei os dias das entrevistas conforme cada um podia e, assim encaminhei e-mail com o termo de consentimento permitindo assim que a chamada pudesse ser gravada já que planejava transcrever para após fazer a análise das histórias. Eu fiquei muito nervosa na primeira entrevista, mas ao longo das entrevistas eu fui percebendo que os entrevistados e entrevistadas se sentiam muito bem com o assunto e com o roteiro de perguntas. Percebi que é um assunto que tocava às pessoas e muito interessante de falar, pois

cada um me contou um pouco de sua história, assim como a história da família. Finalizei as entrevistas com cada um e transcrevi. Confesso que foi muito gratificante falar com os entrevistados já que como eu sai da zona rural e fui morar na zona urbana, me identifiquei em muitos pontos com as histórias dos e das entrevistadas.

Só para ter uma ideia da situação que vive a comunidade, a comunidade de Bom Jesus II conta atualmente com 112 famílias. Dessas famílias foram identificados 73 jovens, quer dizer pessoas entre os 18 e 29 anos. Esses dados foram fornecidos pelo Tesoureiro da Comunidade em 2022. A continuação, apresento a Tabela 01 com as informações dos entrevistados e entrevistadas.

Tabela 01: Lista de entrevistados com informações de idade

Nome	Idade quando saiu do meio rural para cidade	Idade no momento da entrevista
"I"	16 anos	34 anos
"L"	18 anos	26 anos
"D"	18 anos	25 anos
"C"	25 anos	36 anos
"F"	20 anos	20 anos
"M"	18 anos	25 anos
"V"	23 anos	23 anos

Fonte: Elaboração Própria

Depois analisei os dados com a bibliografia estudada que apresento na seguinte seção.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico que apresento aqui gira em torno de temáticas que tem a ver com a dinâmica da agricultura familiar e o ambiente onde ela está inserida.

3.1 Projetos de vida: entre o rural e o urbano

De acordo com Schneider (2009), o rural não necessariamente pode ser reduzido à produção agrícola. O rural é muito mais amplo e envolve uma malha de relações e movimentos vitais entre as pessoas com os seus lugares onde existe agricultura, mas não só agricultura. Estas relações que conformam o rural não podem ser qualificadas por serem unicamente instrumentais, as relações com o lugar podem ser afetivas e não nos deve surpreender que, a pesar que as pessoas tenham saído do campo quando jovens, elas não sintam um sentimento de nostalgia do lugar onde cresceram e reflitam sobre o futuro das suas comunidades ao observar que não é só um jovem que sai do campo senão muitos. Nas suas palavras, Schneider (2009), afirma o seguinte:

[...] rural não mais se resume à atividade econômica agrícola, pois a ele passaram a incorporar-se, nas leituras analíticas e nas representações sociais, outras dimensões como a natureza, as famílias rurais, as paisagens, o patrimônio cultural e as tradições, entre outras. (SCHNEIDER, 2009, p. 22).

E ele (o rural) apresenta várias definições. Wanderley (2004), define o rural como espaço de vida onde envolve relações tanto com a sociedade, como com a família, onde se estabelecem relações mais afetivas entre os filhos, o rural também pode ser definido como espaço de vida que se associa à calma e à tranquilidade, onde o espaço físico é diferenciado. Nesse mesmo sentido segue,

[...] os espaços rurais como bem coletivo, visto agora não apenas como um lugar de moradia de boa qualidade, mas como parte integrante do patrimônio ambiental a ser preservado contra todos os

usos considerados predatórios, produtivos ou não. (WANDERLEY, 2000, p. 100).

Inclusive, como se verá mais adiante, alguns entrevistados alegam que não querem voltar ao campo como lugar de trabalho, mas sentem saudade da tranquilidade. Vale ressaltar que ao falar de espaço não estamos nos referindo a algo vazio. Ao contrário, estamos falando de uma dinâmica de relações que as pessoas mantêm com a terra, a água, que vitalizam os alimentos que são consumidos por eles mesmos e vendidos por circuitos de comercialização. Assim, as relações entre as pessoas com a terra, a água, a paisagem torna visível o mundo rural, as relações produzem um lugar de trabalho e de vida porque esses trabalhadores e agricultores rurais habitam no campo, constituem comunidade aí. No nosso meio rural existem grandes propriedades rurais como fazendas ou engenhos, assim como se têm povoados, colônias ou comunidades onde os agrupamentos são menores. No entanto, é nas comunidades rurais como a de Bom Jesus II, onde existem relações de confiança entre as pessoas justamente pela proximidade onde há ainda a presença da dádiva.

De outro lado, o urbano se define como sua vocação para a prestação de serviços e sua centralidade. Conforme Wanderley (2009):

[...] a urbanização transforma a sociedade brasileira, gerando assim um novo patamar de referência universalizante, assim o conceito de urbano é construído com uma determinada dimensão populacional, ou seja, tem uma população apta a oferecer emprego e bens e serviços. (WANDERLEY, 2009, p.63).

Assim, percebemos que o urbano não é uniforme, ele constrói uma hierarquia já que existem cidades com grandes populações, com grandes aglomerados e também há pequenas sedes municipais. Essas grandes populações têm o acesso aos serviços culturais e financeiros como teatros, universidades, bancos, comércios e serviços públicos em geral que são bem acessíveis.

Os potenciais sucessores da agricultura familiar realizam comparações entre o estilo de vida rural e o que proporciona a vida urbana, podendo produzir uma visão pessimista sobre permanecer no meio rural. Nesse caso, as meninas são mais propensas a não querer reproduzir a ocupação dos pais,

podendo optar pela saída do campo ao perceberem que podem conquistar algum espaço no mercado laboral e poder gerir o seu próprio dinheiro (BOURDIEU, 2006). Neste mesmo sentido, as meninas estão mais aptas a fazer essa transição para o meio urbano, pois são as “mais” responsáveis em questão de estudos. Contudo, a questão do rural e do urbano é uma escolha de cada indivíduo, ambos são espaços diferentes para se viver e não desprezando nenhum, pois cada um tem um importante valor.

3.2 Agricultura familiar: relações de produção

A agricultura familiar é de grande importância no Brasil e no mundo, “[...] a agricultura familiar nasceu das lutas por reconhecimento e direitos empreendidas por uma miríade de atores, especialmente pelos movimentos sindicais do campo.” (NIEDERLE; FIALHO; CONTERATO; 2014, p. 2). Ela é composta por pequenos agricultores rurais que são responsáveis por produzir alimentos que são disponibilizados para inúmeras pessoas. Na agricultura familiar, há produção de alimentos como a plantação de batata, milho, mandioca, plantas frutíferas, hortaliças, o gado, a produção de leite entre várias outras. São essas opções que geram renda para a família, assim também como para o consumo próprio. No entanto, pode haver penosidade no trabalho dependendo da cultura. É diferente produzir o tabaco que trabalhar na agricultura de base ecológica. E de acordo com a pesquisa de Matte e Dessimon Machado (2017), esse é um fator importante a levar em conta para compreender a saída do jovem do campo para cidade.

Na agricultura familiar é geralmente a família que realiza a gestão da propriedade e assim eles plantam nas suas terras. Pode-se dizer que as terras são o local de moradia e o local de trabalho. De acordo com Abramovay et al. (1998), ele menciona que:

Desenvolvido a partir do trabalho de toda a família (ao qual o jovem se incorpora desde criança) este patrimônio contém um duplo conteúdo social: por um lado ele é a base material de um negócio mercantil e por outro é sobre ele que repousa não só a manutenção, mas a própria organização da vida familiar. (ABRAMOVAY et al., 1998, p. 18).

É nesse sentido que a agricultura familiar pode ser definida pela combinação entre ser a unidade onde se produz renda para a família viver e onde existem relações com base na família. Assim, o processo envolve a criação de novas gerações para a continuidade da propriedade, da atividade e da família. De acordo com (SCHNEIDER; CASSOL, 2014, p. 228):

[...] reconhecimento da enorme diversidade econômica e heterogeneidade social desse grupo social, formado por pequenos proprietários de terra que trabalham mediante o uso da força de trabalho dos membros de suas famílias, produzindo tanto para seu autoconsumo como para a comercialização, e vivendo em pequenas comunidades ou povoados rurais. (SCHNEIDER; CASSOL, 2014, p. 228).

O autor se refere a um avanço significativo para uma melhor definição e compreensão das características quando se refere à agricultura familiar. Assim, levando em conta essas características de fomento a agricultura familiar, começaram a ser desenvolvidas as políticas públicas, isso teve início na década de 1990, conforme descrito a seguir:

O resultado do diálogo entre academia, governo e movimentos sindicais foi a criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), cujo reconhecimento sustentou-se na capacidade da agricultura familiar em absorver a mão de obra rural e ampliar a oferta de alimentos. (NIEDERLE; FIALHO; CONTERATO, 2014, p. 14).

Vale destacar que o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF é de extrema importância para a agricultura familiar, ele é muito importante para assim manter o agricultor no campo, pois em simples palavras, ele é um financiamento com baixas taxas de juros, fazendo assim com que o agricultor possa fazer a compra de seus produtos ou utensílios que vá precisar na sua produção. Conforme Schneider, ele ressalta que o PRONAF, “[...] nasceu com a finalidade de prover crédito agrícola e apoio institucional às categorias de pequenos produtores rurais que vinham sendo alijados das políticas públicas ao longo da década de 1980 [...]” (SCHNEIDER, 2009, p. 31). Com isso, podemos observar que era necessário ter acesso a políticas públicas diferenciadas, isso no sentido de ter um apoio

institucional ou juros bem baixos, por exemplo. Schneider e Cassol (2014) relatam que existe um certo consenso entre os estudiosos sobre o PRONAF: “[...] os aumentos sucessivos nos valores de crédito disponibilizados a partir de 1998 fizeram que a agricultura familiar passasse a ser reconhecida, socialmente reconhecida e politicamente legitimada pelo estado.” (SCHNEIDER; CASSOL, 2014, p. 236). Podemos observar que essa época foi marcada por grandes mudanças, com isso o agricultor familiar foi se fortalecendo e isso foi um ponto muito positivo para a agricultura no Brasil.

A agricultura familiar, com seus inúmeros estudos, foi se transformando pelas suas lutas e conquistas. Com isso podemos ressaltar também que ao longo dos anos, a agricultura familiar melhorou muito em termos de inovação. O trabalho que antes era todo manual, hoje é muito tecnológico, ou seja, muita coisa é feita por meio de maquinários que foram acessados por meio do crédito diferenciado à agricultura familiar. Isso não cabe só às grandes empresas e fazendeiros mas, também aos pequenos agricultores que plantam e colhem para o seu sustento. De alguma forma e em algum ponto houve melhorias, seja na forma de fazer agricultura, na forma de trabalhar, de se organizar, de aceder ao maquinário que vai ajudar a realizar o seu trabalho no dia a dia. Se formos analisar, essa tecnologia pode ajudar em muitos pontos, como sugere a pesquisa social feita pelos autores (NIERDERLE; FIALHO; CONTERATO, 2014, p. 22) “[...] influenciando não apenas as decisões de investimento produtivo, mas também de educação dos filhos, sucessão hereditária e migração”. No entanto, para os meus entrevistados parece não ser suficiente, como veremos na seção de análise dos relatos compartilhados.

3.3 Juventudes em contextos rurais

Segundo os dados do IBGE (2022), de acordo com o estatuto da juventude, são considerados jovens aqueles que tem idade entre 15 e 29 anos. E, de acordo com um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (PUNTEL et al., 2011), define-se que:

[...] para nós os jovens rurais são os filhos dos agricultores que são pequenos proprietários e que comandam o processo produtivo. O

jovem rural é o dependente, aquele que ainda não é proprietário de terra, e que se insere, normalmente como um agregado/subordinado do pai. (PUNTEL et al., 2011, p. 10).

Quer dizer, o jovem rural trabalha fortemente, mas ainda está submetido ao chefe de família que é o pai. Talvez, essa seja a frustração de alguns jovens, de trabalhar tanto com o pai e não poder tomar decisões importantes ou poder gerir a parcela da renda que lhe corresponde. Desde o processo de entrada na vida adulta, o jovem rural tem um vínculo muito próximo à família. O que leva a ter compromissos e obrigações no universo do trabalho, esse é um diferencial da vida do jovem que vive no campo. Conforme abaixo:

Em termos de definição compreende-se que o jovem rural é aquele não apenas que reside no meio rural, mas que o vivencia e participa de unidade produtiva de caráter familiar, onde ocupa espaços culturalmente definidos. É o sujeito que se relaciona com um modo de ser específico, localizado a uma realidade onde o mundo do trabalho e o mundo da vida se fundem e se confundem. (KUMMER, COLOGNESE, 2013, p.53).

Assim, o jovem rural precisa tomar decisões sobre qual caminho seguir. Se vai optar por estudar ou não, qual será o local da moradia, qual será profissão, são decisões a serem tomadas. O jovem rural é o próprio articulador de práticas de vida, ele não está preso a nada e é ele que vai decidir o seu próprio estilo de vida.

No mesmo sentido, o Redin (2009) parte do pressuposto de que: “[...] juventude rural é um grupo de jovens rurais que se organizam em prol de um objetivo específico, seja ele lazer, trabalho, esporte ou cultura.” (REDIN, 2009, p. 02).

O acesso a informação para esses jovens rurais é de extrema importância porque contar tal comunicação estimula a que eles e elas queiram permanecer no meio rural, resolvendo assim coisas simples para os pais, como por exemplo, pagar uma conta, não sendo necessário deslocar-se a cidade mais próxima para fazer isso, ou ter acesso a redes sociais como Facebook, Instagram, Google. ABRAMOVAY et al. (1998), em sua obra destaca um ponto importante dos jovens na agricultura familiar:

Seja na agricultura ou em atividades rurais não agrícolas, a iniciativa dos jovens vivendo hoje no interior da agricultura familiar, encontrasse fortemente inibida, não só por razões estritamente

econômicas, mas também pela natureza das relações entre as gerações e os gêneros. O interesse dos jovens pela vida no meio rural passa pela valorização de suas iniciativas e, portanto, pelas responsabilidades que eles puderem assumir no interior de suas unidades produtivas. Além do estímulo a discussão dos processos sucessórios no interior das famílias por parte das organizações representativas (inclusive das cooperativas), é fundamental que os jovens possam ser contemplados com programas de capacitação e linhas de crédito que propiciem a base material de sua afirmação como futuro agricultor. (ABRAMOVAY et al., 1998, p. 92).

Sendo assim, o jovem necessita de uma base para poder desenhar o seu projeto de vida no campo com otimismo. Isso serve para assim poder assumir o destino dos seus estabelecimentos e ainda ter uma boa construção de sua cidadania. Em palavras simples, podemos falar também que a educação para os jovens no meio rural hoje em dia é muito importante. O jovem pode ter uma formação e seguir aplicando o seu conhecimento na propriedade familiar.

Pode-se dizer que ser jovem rural também é de fazer o seu próprio horário de serviço, embora não esquecendo que o serviço é pesado e muitas vezes ocorre abaixo do sol quente. Contudo, pode haver uma recompensa com a tranquilidade do campo. Existem horas de lazer onde pode-se se deitar em uma rede, numa sombra, ter os seus grupos de amigos geralmente em suas comunidades, ter seus jogos de futebol, ter acesso a água, ar e alimentos saudáveis. Como relata Renk e Dorigon (2014):

[...] há cultura e lazer no campo: a maioria desses jovens jogam bola, tocam violão, vão aos bailes ainda frequentes em várias comunidades, até praticam dança tradicional ou já ouviram um contador de história [...]. (RENK; DORIGON, 2014, p. 102).

Podemos assim definir que o jovem rural está no campo porque ele se sente de alguma forma atraído por tudo que tem ao seu redor.

Desde outro olhar, os debates em torno da juventude rural se referem a pontos importantes quando falamos em sair ou permanecer no campo. Conforme o estudo de Kummer e Colognese (2013), os autores relatam sobre os riscos da saída dos jovens do campo como o envelhecimento da população rural, o processo de masculinização do meio rural porque as mulheres preferem casar com pessoas da cidade. Bourdieu (2006), já tinha abordado sobre o corpo do camponês desinteressante para as mulheres. Os autores

também relatam que os problemas referentes ao acesso e a internet, acesso a estudos, a divisão da renda, as discórdias familiares também são válidos. O processo de saída desses jovens do campo envolve múltiplas questões, como é visto acima, escolher entre ficar ou partir é difícil porque envolve questões familiares e isso torna a questão ainda mais complicada. Outra questão é:

[...] a situação de invisibilidade da juventude rural é constituída pelo não reconhecimento dessa categoria como agente social. É percebida como um grupo em crise, que precisa tomar suas decisões de acordo com a expectativa exterior. (KUMMER; COLOGNESE, 2013, p. 211).

Esse é um dos componentes mais importantes que motiva ainda mais a saída do jovem do campo, esse não reconhecimento desses jovens no campo. Acaba que por isso muitas vezes migram, porque optam por querer melhores condições de trabalho, renda própria e melhor acesso à educação.

Já para o autor Redin (2011), no caso de saída do jovem do campo não está atrelada à renda senão a:

A maioria dos jovens migram para centros urbanos por anseios individuais, inclusive, é uma atitude controversa a concepção de que a saída representa a existência de uma família descapitalizada do campo. Ao contrário, em sucessivos casos, a renda na propriedade é elevada, proporcionando acesso a bens e serviços que, talvez, nas condições e possibilidades de trabalho urbanas, não alcançaria o patamar de igualdade. (REDIN, 2011, p. 127).

Ou seja, cada região vai ter as suas situações particulares e cada família também tem seus elementos positivos ou negativos que leva ao jovem a sair ou permanecer na propriedade. No caso da família, ter acesso a internet faz com que tenha uma motivação para o jovem, pois muitas vezes ele é o único na família que sabe manusear um computador. Com isso, acaba melhorando o seu dia a dia com pesquisas sobre o tempo e acabam se entretendo. Muitas vezes os pais acabam aprendendo com os filhos, isso faz com que provoque a permanência desse jovem na propriedade rural. Renk e Dorigon (2014), em sua obra destacam que, depende muito das condições econômicas da família:

[...] sendo que as propriedades mais capitalizadas (maquinas, equipamentos, terras, recursos financeiros, filhos em idade produtiva, etc.) tendem a estimular mais a permanencia dos jovens na propriedade. (RENK; DORIGON, 2014, p. 149).

Cabe aqui ressaltar que nem sempre a propriedade tendo “maquinários” e condições boas para o jovem ficar, mesmo assim muitas vezes ele ainda opta por sair, pois isto é uma decisão dele e nem sempre cabe aos pais decidirem entre ficar ou sair.

3.4 Sucessão familiar e as incertezas

A sucessão familiar acontece quando o dono ou proprietário da propriedade passa as responsabilidades do campo ou da fazenda para alguém que dará continuidade à atividade econômica familiar na propriedade. Esse sucessor geralmente é o filho ou filha, geralmente os mais velhos, que também moram na propriedade. Há casos em que se conta com mais filhos na propriedade. Nesse último caso, haverá que decidir quem continuará a gestão. É nesse mesmo sentido que o estudo de Matte e Machado (2017) explica que, de algum modo, a sucessão representa a continuidade da atividade produtiva, ou seja, ela assegura a passagem do patrimônio para a próxima geração. A sucessão garante o cuidado dos pais quando forem velhos, impede o esvaziamento das comunidades rurais e o isolamento das pessoas que ali pertencem. Assim, também podem contribuir com a produção para o consumo local.

E, quando ocorre a ausência desses sucessores na agricultura familiar, Matte e Machado (2017) descrevem que:

[...] tende a gerar incertezas no que diz respeito não apenas à continuidade das famílias e das atividades produtivas, mas também às comunidades rurais, as quais gradativamente perdem sua população [...]. (MATTE; MACHADO, 2017, p. 2).

Quando os sucessores acabam se inserindo no meio urbano, começa uma série de preocupações em relação de quem continuará no meio rural, além de favorecer ao esvaziamento da população e o envelhecimento do rural,

pois o pessoal jovem está saindo. Renk e Dorigon (2014) afirmam isso da seguinte forma:

Os núcleos familiares estão menores, o número de filhos por família está diminuindo. Verifica-se em “envelhecimento pela base”, isto é, taxas de crescimento da população idosa superiores à da população mais jovem. (RENK; DORIGON, 2014, p. 142).

As mulheres têm grande influência nesse processo porque elas buscam o reconhecimento e a valorização no meio rural e, quando isso não acontece, elas vão em busca dos estudos. Assim, ocorre o processo de masculinização, os casamentos cada vez mais tardios e um número de filhos baixos. A falta de oportunidades para os mais jovens também é um fator do processo sucessório. A autora ainda aponta sobre um estudo feito onde destaca que “[...] a busca por um salário “seguro”, mensal e por mais tempo livre (descanso mensal, férias) se revestem de grande importância.” (RENK; DORIGON, 2014, p. 143). Este processo está completamente ligado à autonomia, pois no momento em que o jovem se insere no meio urbano e acaba tendo sua própria renda, seu próprio horário de trabalho e seu descanso, esses jovens acabam permanecendo no meio urbano, principalmente as mulheres. Muitas vezes não é por não querer residir no meio rural, mas para não seguir a trajetória difícil que seus pais seguiram no passado.

Uma pesquisa feita por SPANEVELLO et al. (2011), na região central do Rio Grande do Sul, apontam tudo isso que mencionei acima,

[...] dificuldades do trabalho no rural, busca de lazer, contato com o urbano, redução do número de filhos por família, falta de abertura dos pais dentro da propriedade para o filho exercer uma atividade autônoma ou independente, busca da autonomia financeira, entre outros. (SPAVANELLO et al., 2011, p. 302).

4. ANÁLISE DOS RELATOS COMPARTILHADOS

4.1. Autonomia

Todos os entrevistados e entrevistadas vêm da agricultura familiar onde os membros da família são os que realizam a gestão e a produção na terra que é da sua propriedade, tal qual visto na literatura acima descrita. Nas entrevistas tem-se o total de sete pessoas que migraram para o centro urbano quando jovens, sendo que cinco pessoas são do sexo feminino e duas pessoas do sexo masculino. Desses entrevistados entrevistadas, três pessoas migraram para o centro urbano da cidade de Pelotas e quatro pessoas migraram para o centro urbano da Cidade de São Lourenço do Sul.

Em algum momento das suas vidas, estas pessoas eram sucessores potenciais da propriedade familiar. No entanto, todos decidiram sair do campo, com exceção de uma pessoa que alegou que a sua saída por enquanto é temporária. Surpreendentemente, a mais jovem das entrevistadas quer estudar para poder aplicar o seu saber acadêmico na propriedade familiar e, outras duas entrevistadas relataram que ainda não é nada certo que vão ficar sempre residindo no centro urbano. Estas últimas argumentam que saíram do campo em busca de melhores condições de vida mas nada as impede de retornar. Essa vontade de retornar para o meio rural tem muita relação com a tranquilidade do interior, como explicado também em Wanderley (2004).

A relação dos entrevistados e entrevistadas com os estudos se destaca na pesquisa. Das sete pessoas entrevistadas, seis relataram o amor aos estudos, saíram do campo para estudar, pois tinham dificuldades com acesso a um curso superior quando residiam no campo. O acesso a internet era bem mais complicado na época.

Ao longo dos diálogos com os entrevistados e entrevistadas, as pessoas compartilharam em diversos momentos sobre a questão de autonomia. As explicações eram similares às aquelas apresentadas no estudo de Matte e Dessimon Machado (2017) onde os seus entrevistados associavam a falta de autonomia dentro da unidade doméstica à hierarquia familiar tradicional. Era o pai quem controlava o dinheiro.

No nosso caso, as pessoas entrevistadas comentaram que não se contava com ela, com a autonomia, na época em que se residia no meio rural. Junto a isso, foi curioso notar também que as mesmas pessoas se referiam a que quando jovens “ajudavam” no dia a dia no campo. No entanto, ao longo de seus relatos percebi que essa palavra “ajuda” não dava conta de tudo o que eles e elas trabalhavam quando residiam com os pais no meio rural. A questão de ser só “ajuda” é destacada em outros trabalhos de pesquisadoras mulheres como o estudo de Heredia et al. (1984), em que é analisada a divisão do trabalho no interior das unidades domésticas de uma região do nordeste brasileiro onde há uma associação particular. Quando os filhos, as filhas e a esposa desempenham atividades que correspondem ao homem, ao chefe de família, os primeiros apenas “ajudam”. Ao mesmo tempo, as atividades da casa, do quintal que correspondem às mulheres acabam sendo não reconhecidas como trabalho.

Voltando para as nossas entrevistas, a condição de “só ajudar” está relacionada a não ter voz para assim decidir sobre o que produzir. Se consideramos que para Almeida (2009) a autonomia se refere à possibilidade de os agricultores resolverem seus próprios problemas a partir da auto-organização do processo produtivo, os entrevistados e entrevistadas comentaram que quando jovens, eles e elas não estavam sendo considerados em uma relação simétrica com o pai para tomar decisões em conjunto sobre a produção e dividir os lucros. Para esclarecer essa ideia, exponho abaixo o depoimento de um dos entrevistados, que relata o seguinte:

[...] é por causa que alguns pais não dividem os lucros, porque têm muito filho que ajuda na propriedade e não recebe nada, então a questão é de ter sua própria independência o seu próprio dinheiro. Foi uma coisa que eu já briguei por isso, pois fiz um curso na cidade de Canguçu, um curso chamado de “juventude e empreendedorismo

rural” da Emater e esse tema sobre os pais dividirem os lucros com seus filhos foi muito abordado [...]. (entrevistado "V", maio, 2023).

O depoimento acima expõe de forma clara como o entrevistador argumenta que o filho “ajuda”, mas que essa ajuda é merecedora de pagamento. Nesse desejo de procurar autonomia, os entrevistados entrevistadas manifestaram procurar trabalho no meio urbano, onde começavam a ganhar seu próprio dinheiro. O estudo de Renk e Dorigon (2014) no oeste catarinense também explica que existe dificuldade do diálogo do pai com o filho ou filha em aceitar ideias novas ou propostas para a inovação na propriedade. Sendo assim, essa falta de confiança pela parte dos pais motiva ao jovem a sair do meio rural. A questão de participar na tomada de decisões vem muito da dinâmica da família. Muitas vezes acontece que os avós ainda conservam a autoridade na propriedade e os pais reproduzem as regras dos mais velhos. Ou seja, a mãe ou o pai se tornam submissos aos mais velhos e produzem as regras quando se tornam autoridade. Os pais incorporam a forma em que os mais velhos pediam ou mandavam. É exatamente isso que a entrevistada, mulher, relata a continuação:

Não ter autonomia na tomada de decisões, pois a minha mãe era submissa , por exemplo, era ela que fazia a parte da cozinha, mas quem escolhia o que ela tinha que fazer era a vó, então a tomada de decisões acho que na minha família, e também muito é porque os jovens não tinham a sua renda, não tinham tomada de decisões, como, do que vai ser feito, como vamos trabalhar ou como vai proceder o ano ou até nas questões de decidir de plantar, plantar tal coisa ou não e financeiramente que é bem impactante. Que esse foi um dos motivos para mim que quando eu vim para cidade, pois quando eu senti o gosto de estudar e de trabalhar meio turno ganhando bem pouco, mas ganhando o meu dinheiro foi onde motivou a minha vinda para a cidade. (entrevistada "I", abril, 2023).

O depoimento acima é claro em sinalizar que as mulheres principalmente buscam não reproduzir a situação de estar em uma posição inferior na hierarquia familiar porque além de não ter poder decisão na parte produtiva, ainda tinha que seguir as regras de quem está em um patamar superior de autoridade.

Os pais ficavam sempre naquele mesmo patamar de sempre fazer e seguir o mesmo padrão, e acabavam que não davam atenção ou uma certa

importância quando o filho(a) sugeria alguma opção ou ideia, seja tanto no plantio, maquinário ou melhorias na propriedade. Com isso, quando os filhos cresciam e eram maiores já começavam a perceber que não precisava ser daquela forma. O que também fazia com que aqueles jovens que moravam em casa fossem procurar trabalho no meio urbano porque acabava que desmotivava trabalhar no campo.

A dependência financeira também é uma questão quando falamos de autonomia. No meio urbano, como citei no meu próprio exemplo parágrafos acima, até hoje podemos ver que, principalmente as mulheres, muitas ainda são submissas aos maridos. Cada vez que se precisava de alguma quantia em dinheiro, seja qual quantia que for, ou muito ou pouco, elas tinham pedir a eles. Isso ocasiona com que elas não tenham autonomia nenhuma. Aquilo é fruto da geração, os avós foram criados assim e passa de geração em geração. Hoje sim, muitos jovens estão quebrando essa regra, nas entrevistas podemos ver isso, que cada qual já procura ter voz na família.

Outra questão que apareceu muito nas histórias compartilhadas pelos entrevistados e entrevistadas é a vontade de estudar e de procurar por “algo novo”. Como relata “D”: “essa questão de não ter no campo o que os jovens procuram, ou seja, um trabalho diferente ou uma faculdade, um estudo que possam exercer algo diferenciado”, (entrevistada “D”, abril, 2023).

No meio rural anos atrás era muito mais difícil ter acesso a internet e acontecia que muitos desses jovens procuraram por estudos e tinham que fazer essa transição para o meio urbano, para assim ter mais acesso e facilitar a vida acadêmica. De todos os entrevistados e entrevistadas, todos e todas me relataram o amor pelos estudos e muitas vezes não tinha no meio rural o que queriam. Muitas vezes pelo difícil acesso às escolas ou à faculdade, ou não ter acesso a internet para, por exemplo, fazer algum curso a distância.

No estudo de Bourdieu (2006), ele relata que as mulheres tem muito mais facilidade em se acostumar com a vida nos centros urbanos, pois as mulheres em si já tem uma certa facilidade com a disciplina, já que a incorporaram desde pequenas, para assim estudar e lidar com os estudos e seus compromissos no centro urbano: “elas são bem mais motivadas para adotar os modelos culturais urbanos que os homens, uma vez que a cidade

representa para elas a esperança da emancipação.”, (BOURDIEU, 2006, p. 88). Essas mulheres têm uma certa facilidade de ingressar em uma universidade, pois quando elas ainda estão morando em casa juntamente com os pais, elas já têm uma disciplina e buscam sempre agradar a família, então para elas se adaptarem em um centro urbano e ser disciplinada é muito mais fácil do que para os homens.

A questão do casamento também pesa quando se é falado no sexo masculino. Só para completar a ideia, Spanavello et al. (2011, p. 296), destacam que: “A disposição das mulheres em adotar modelos profissionais urbanos gera a recusa em casar-se com um agricultor.” Ou seja, a adaptação para as mulheres onde começam a valorar os padrões da cidade provoca a recusa em se casar com alguém do interior, pois queira ou não, a mulher sabe que vai ter uma vida de doméstica e de trabalho no campo.

Então, cabe aqui concluir que, o poder de tomar decisões juntamente com o pai ou o responsável da família é de fato uma construção, essa construção vai da criação até o momento em que ambos, tanto pai como filho ou filha, decidem se estão prontos para pôr em prática essa construção. Isso parte da confiança do pai em enxergar se o filho ou filha(a) está apta a administrar uma propriedade, uma família, casamento, filhos e etc.

4.2 Penosidade na agricultura

O que fez muitos dos jovens desistirem do meio rural são os dias árduos na agricultura, onde faça sol ou chuva, eles vão ter que estar lá fazendo o serviço, e isso muitas vezes pode causar tanto danos físicos como mentais. O trabalho é pesado, mais ainda abaixo do sol quente. Em um estudo realizado no oeste de Santa Catarina, o estudo de Abramovay et al. (1998), mostra exatamente isso, os jovens relatam que: “O trabalho na agricultura é muito sofrido, pesado, cansativo.” (ABRAMOVAY et al., 1998, p. 78). Dita situação faz com que os jovens procurem por outros caminhos, principalmente as moças. Elas que têm literalmente que lidar com uma dupla jornada de trabalho. O autor continua: “Caso a vida profissional no campo não envolvesse uma carga de trabalho tão pesada é possível que o horizonte das moças fosse

diferente.” (ABRAMOVAY et al., 1998, p. 78). Ao contrário dos rapazes, que fazem o serviço na lavoura e podem chegar em casa e tem comida pronta na mesa, casa limpa e roupa lavada, para as moças isto é trabalho dobrado, ainda mais se têm filhos, pois o serviço da casa é sempre com as mulheres e ainda estão envolvidas na lavoura que os maridos consideram como “só ajuda”.

Já no caso dos meus entrevistados e entrevistadas, os relatos sobre os dias quentes no verão fazem com que esses jovens tenham a vontade de se mudar, de mudar de vida e procurar por algo menos penoso na zona urbana. Em outros trabalhos como de Fagundes (2019) que realizou uma pesquisa sobre a transição da produção de tabaco para a produção de alimentos de base agroecológica por mulheres do interior de São Lourenço do Sul, ela aponta que a mudança de atividade está associada a um retorno da vitalidade do corpo a partir da recuperação das suas habilidades do saber-fazer, que é a produção de alimentos. De acordo com a autora, a produção de fumo para elas era muito sacrificada. Conforme Fagundes (2019):

Ao resistir (parcialmente) às exigências que vem da empresa, elas retomam os projetos de vida coletivos que querem viver que é ser agricultoras, produzir alimentos. Algumas das interlocutoras alegam estar felizes com a oportunidade de poder praticar uma atividade econômica diversificada, porque como os próprios depoimentos revelam, prevalece o saber-fazer, as relações com a terra que são de produção de vida e, os laços sociais continuam se vitalizando [...]. Continua sendo coletivo, quer dizer, familiar. Com isso, a diversificação na atividade agrícola permite a adaptação do trabalho à vida da pessoa, no sentido de trazer a autonomia, a liberdade, para o âmbito interno do empreendimento familiar. Vale ressaltar que, a partir da experiência de participar das atividades do projeto, as mulheres reconheceram a importância de negociar significados com os demais membros da família. (FAGUNDES, 2019, p.37)

No entanto, para quem não passa pela experiência de mudança de atividade, os jovens percebem que isso não é a vida que querem viver. Abaixo o relato de uma entrevistada;

[...] que nem aqui no campo, tem dias que trabalhamos com chuva e sol e não importa a gente tem que fazer um serviço muito duro, muito pesado e daí o pessoal mais jovem não quer isso pois já viram os pais trabalhando a vida inteira nisso e se judiando para conseguir juntar um dinheiro. Então, acredito que os jovens de hoje não querem isso, eles querem melhorar o futuro, as condições de vida, então eles saem pra buscar condições melhores. (entrevistada "F", maio, 2023).

Assim como o trabalho que força o corpo e a mente, podemos dizer que o clima também é um fator que acaba afetando, pois nem sempre o clima é favorável. O agricultor planta, mas há incertezas, pois os prejuízos podem ser altos. A saúde também conta, pois nem sempre o corpo aguenta trabalhar horas abaixo de sol quente. A maioria dos entrevistados me relatou sobre o plantio de tabaco, onde a colheita é feita durante todo o dia e as manhãs são molhadas do sereno que caiu durante a noite, e esse é um ponto muito difícil quando a questão é saúde. Pois, nem todos aguentam estar com o corpo e roupa molhada por horas, e assim o corpo adocece. Como relata "L" a continuação:

[...] uma das coisas que eu posso dizer que também foi um motivo de eu ter saído lá de fora, é que como em casa a plantação era de fumo, eu tinha bastante problema em relação ao tabaco, que era um trabalho manual e tinha que colher muitas vezes no molhado e isso fazia muito mal para minha saúde. (entrevistada "L", abril, 2023).

Então, fica claro aqui que a penosidade nas atividades agrícolas pesa bastante para os jovens. Cito novamente o estudo que apresenta resultados similares, aquele de Matte e Machado (2017, p. 145) que relatam que: “a penosidade das atividades produtivas desenvolvidas no estabelecimento também representa um fator significativo sobre a tomada de decisão dos jovens em não suceder o pai.” Nesse mesmo sentido, o autor ainda relata que: “são atividades que demandam maior esforço físico, falta de horário fixo, baixos rendimentos e a falta de opções de lazer.” (MATTE; MACHADO, 2017, p. 145).

Cabe aqui ressaltar que a questão da penosidade na agricultura familiar é uma questão bastante delicada, e nas entrevistas pude observar que nessa questão muitas vezes não têm muito o que o jovem fazer, porque a atividade econômica exige que o trabalho seja manual.

4.3 Sobre o abandono do rural

Todos os entrevistados alegaram estar satisfeitos com a sua decisão de ter migrado para a cidade. No entanto, há relatos de nostalgia do meio rural

que não podem ser traduzidos ao econômico ou financeiro. WANDERLEY (2009), relata abaixo:

[...] o espaço rural pode ser definido pela predominância dos espaços não construídos (predominância da natureza) e pela condição de pequeno aglomerado, com baixa densidade populacional, no qual prevalecem as relações de proximidade. (WANDERLEY, 2009, p. 72).

Isso resume que o rural não é apenas um espaço para trabalho, há que se mencionar que tem memórias ali, pois o rural como espaço de vida associa-se à calma e tranquilidade às relações afetivas também.

Uma das entrevistadas relata sobre isso também, “[...] mas eu também penso assim daquela vontade de morar no meio interior onde é muito mais calmo, muito mais seguro é uma vida muito melhor na zona rural [...]” (entrevistada "L", abril, 2023). Assim como este relato, tem vários outros que expressam tristeza pelo abandono da sua comunidade, a pesar de ter optado também de sair do campo como muitos outros. Isso pode ser tanto em relação à propriedade, pode ser em relação à comunidade, pode ser relacionado aos pais, aos avós.

Podemos aqui nos referir que o processo sucessório não é fácil. Renk e Dorigon (2014, p. 148) em sua obra destacam que: “muitas vezes os agricultores se encontram divididos entre ter o desejo de ver o filho(a) seguir a tradição do meio rural, ou a necessidade de buscar novas alternativas ou oportunidades na cidade, pois na realidade a falta de autonomia financeira e oportunidades, complica a vida dos jovens nas comunidade de origem”.

Aqui entra a questão da sucessão, o processo sucessório gera impacto à comunidade porque acaba que a comunidade envelhece e cada família que deixa um jovem partir para a zona urbana é literalmente uma perda para produção. Os pais tem muitas dúvidas com relação ao deixar o filho partir ou não, ainda mais quando a propriedade tem poucos possíveis sucessores e, geralmente esses pais ficam na dúvida pois ali na propriedade tem muito dinheiro e esforço investido.

As casas que, por exemplo, são abandonadas onde já não tem mais sucessores para seguir a propriedade, sobre isto, tem relatos nas entrevistas de muitas casas abandonadas na comunidade de **Bom Jesus II**. Segue abaixo,

Eu vejo muito essa questão de casas abandonadas, onde todo que moravam ali foram morar em outro lugar e a casa fica para “tapera” eu acho que esse é um ponto comum e outro ponto hoje em dia a gente percebe que as famílias não tem mais tantos filhos, pega o exemplo dos nosso pais que cada qual tinha 8, 9, 10 irmãos e que ficavam morando tudo em casa e na zona rural e hoje em dia que nem meus pais tem 3 filhos, e eu fui para cidade, o outro vai casar e sair de casa e daí sobra só mais um. Então tu percebes que as famílias têm menos filhos e a zona rural vai diminuindo, porque daí não tem mais tanta permanência de pessoas no campo. (entrevistada “L”, abril, 2023).

Quando acontece o abandono, se esse número for alto, gera um impacto na comunidade que muitas vezes pode ser irreversível, pois vai faltar mão de obra, a comunidade vai envelhecendo, vai faltar “braço” para plantar, colher, cultivar, assim vai faltar produto no mercado para consumo e o que tiver vai ter o preço muito elevado.

A desvalorização do rural também é uma questão importante a ser destacada:

Eu acho que a principal causa de os jovens sair do meio rural para o meio urbano é que o campo sempre foi muito desvalorizado, então os jovens não se viam num futuro, porque todos os tipos de cultivos eram muito desvalorizados. (entrevistada “F”, maio, 2023).

Essa desvalorização afeta a todos, não só à comunidade em particular, mas a zona rural por completo, pois em simples palavras, acaba que com essa desvalorização os jovens tendem a migrar do campo, e ficam só os mais velhos. Os jovens buscam uma distinção (BOURDIEU, 2006). Vai faltar pessoas para trabalhar, ou seja, a entrevistada que já mencionei acima, resume tudo isso. Segue o relato abaixo:

[...] acho que não vai ser só lá, mas acho que esses impactos envolvem a zona rural toda, é que vai faltar mão de obra, pois querendo ou não vai acabar ficando só os pais e avós morando na propriedade, que vão envelhecer e vai faltar mão de obra, então essas pessoas que ficam vão ter que investir em mais maquinários ou vão ter que diminuir a produção, e com isso vai faltar produto no mercado e com isso vai subir o preço, então acho que isso prejudica e gera impactos para todo mundo., pois se falta matéria prima, as coisas encarecem. E não é nem só sobre ser caro, mas pode ter também mais desemprego, pois se os jovens vão estudar, se tu for ver o mercado de trabalho vai contratar primeiro quem tiver um currículo bom de estudo. (entrevistada “F”, maio, 2023).

E esse relato é algo muito real se pararmos para analisar sobre a situação. É um conjunto de fatores que se não tiverem políticas públicas de apoio para fazer com que mais jovens permaneçam no meio rural, a tendência é realmente termos um meio rural envelhecido, mão de obra em falta e valores de insumos altos. Aqui o meu recado às cooperativas de São Lourenço do Sul.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas feitas com pessoas que migraram quando jovens para o meio urbano, a pesquisa mostra que o universo simbólico confundido entre o rural e urbano permite que os valores citadinos sejam mais sedutores em detrimento dos referenciais rurais, como por exemplo, optar por realizar uma carreira universitária, administrar o próprio dinheiro ou ter possibilidades para o lazer. Nesse aspecto, a pesquisa de Bourdieu (2006) parece imbatível. O rural não é mais protegido, teve que se inclinar a uma lógica mais forte: à da cidade, que por sua vez, desclassifica o rural.

Como já observamos ao longo da análise, três pontos importantes foram destacados pelas pessoas. O primeiro deles é o poder de tomar decisões sobre as questões da propriedade e ter uma compensação financeira no trabalho com a família. O segundo ponto importante é sobre a penosidade no trabalho e o terceiro ponto é a nostalgia que provoca ao ver o rural no seu abandono. Resumindo um pouco sobre eles, o primeiro ponto parece ser delicado porque envolve as relações no âmbito família, envolve pessoas de mais idade que querem reproduzir a hierarquia familiar, a regra de sempre obedecer os mais mais velhos. Uma referência que não parece ser bem vista hoje pelos entrevistados e entrevistadas. Este assunto toca mais às mulheres porque não se projetam como não tendo voz ao longo das suas vidas e são elas as que mais fácil se adaptam ao estilo de vida urbano.

O segundo ponto é a penosidade. Envolve a questão da saúde, corpo e mente. Os jovens relataram que preferem ir morar em zona urbana para não sofrer com os dias quentes de trabalho árduo e pesado. O último ponto trata sobre o abandono ao rural, onde os entrevistados e entrevistadas relataram sobre as casas abandonadas no meio rural, onde tempos atrás foram investidos dinheiro e esforço físico. Aqui é interessante porque há uma saudade pelo rural e não pela agricultura. A desvalorização de produtos que o agricultor planta para comercializar também foi destacada, aquilo motiva aos jovens a optar pela migração. Consequentemente, ficam só as pessoas mais velhas que não irão investir na propriedade se não tem sucessor ou sucessora.

Esses foram os aspectos importantes que foram relatados pelos entrevistados e entrevistadas. É importante salientar que a escolha dos participantes à pesquisa foi intencional e não se pode generalizar os resultados. Um tema muito importante que podemos destacar aqui é, que ao longo das entrevistas ficou explícito a saída desses jovens em busca de estudos. Dos sete entrevistados e entrevistadas, apenas uma pessoa não relatou sobre os estudos, mas o restante relatou que o principal motivo de saída de meio rural foi para dar continuidade aos estudos. Vamos lembrar que os estudos universitários não eram um valor de referência para a geração anterior a minha.

E outro aspecto em comum que podemos observar entre os relatos dos entrevistados e entrevistadas foi sobre a adaptação quando realizaram essa transição, do rural para o urbano. Nenhuma das pessoas relatou que se arrepende de ter feito a migração, ao contrário, todos se dizem satisfeitos e satisfeitas com a escolha que fizeram. Porém, citam a falta da tranquilidade do interior ou de colher o seu próprio alimento.

Diante da pesquisa feita, considero que as Cooperativas que atuam no meio rural não podem ignorar que os jovens apreciam os valores da cidade. Então, talvez não seja só assistência técnica que seja fundamental para estimular o jovem a permanecer na propriedade mas outros aspectos de cunho simbólico. Na minha pesquisa, a decisão dos jovens saírem do meio rural pela falta de oportunidade de estudos indica que as pessoas querem se distinguir pelo conhecimento. Dito conhecimento poderia dar uma base legítima para ter voz que em algum momento lhe foi negada e que pode ser valorizada se eles quisessem retornar ao rural ou obter um emprego para melhorar as suas condições materiais de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. SILVESTRO, M.; CORTINA, N.; BALDISSERA, T.; FERRARI, D. & TESTA, V. M. **Juventude e agricultura familiar: Desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998.

ALMEIDA, J. P. Da ideologia do progresso à ideia de desenvolvimento (rural) sustentável. In: ALMEIDA, J. P.; NAVARRO, Z. (Org.). **Reconstruindo a agricultura: ideias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

BECKER, M.L.D. **O fetiche da tecnologia e a juventude: narrativas sobre a influência da Cooper na permanência dos jovens no campo**. 2021. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão de Cooperativas), Universidade Federal do Rio Grande – FURG, São Lourenço do Sul, 2021.

BOURDIEU, P. O camponês e o seu corpo. **Revista de sociologia e política**, n. 26, p. 83-92, 2006.

FAGUNDES, V.V. **O retorno da vitalidade e da criatividade: uma análise do processo de diversificação agrícola com as mulheres agricultoras, no interior de São Lourenço do Sul**. 2019. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão de Cooperativas), Universidade Federal do Rio Grande – FURG, São Lourenço do Sul, 2019.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007

HEREDIA, B. M. A. de; GARCIA, M. F.; GARCIA JR, A. R. O lugar da mulher em unidades camponesas. In: AGUIAR, N. (org.). **Mulheres na força de trabalho na América Latina: Análises qualitativas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984, . p. 29-44.

IBGE. **População jovem no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1999. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6686.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2023.

KUHN, L.H.K. **A gestão e a organização dentro do empreendimento familiar e a sua influência na sucessão familiar**. 2018. 51 pag. f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão de Cooperativas), Universidade Federal do Rio Grande – FURG, São Lourenço do Sul, 2018.

KUMMER, R; COLOGNESE, S. A. Juventude rural no Brasil: Entre ficar e partir. **Tempo da ciência**. v.1, n.39, p. 201–220, 2013.

KUNDE, E. **Dinâmica sucessória na agricultura familiar do município de São Lourenço do Sul**. 2017. 60 f. Trabalho de conclusão (Bacharelado em Desenvolvimento Rural), Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2017.

MATTE, A; MACHADO, J.A.D, Tomada de decisão e a sucessão na agricultura familiar no Sul do Brasil. **Revista De Estudos Sociais**, v. 18, n.37, p. 130–151, 2017.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NIEDERLE, P.A; FIALHO, M.A.V; CONTERATO, M.A. A pesquisa sobre a agricultura familiar no Brasil - Aprendizagens, esquecimentos e novidades. **Revista de economia e sociologia rural**, v. 52, Supl. 1, p. S009-S024, 2014.

PUNTEL, J.A; PAIVA, C.A.N; RAMOS, M.P. Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo. **Anais do I circuito de debates acadêmicos**. Code, 2011. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area3/area3-artigo20.pdf>>. Acesso em: 22 de jun. 2023.

REDIN, E. Jovem rural em questão. **Revista Sociais E Humanas**, v.25, n.1, p. 123–139, 2012

RENK, A; DORIGON, C. **Juventude rural, cultura e mudança social**. Chapecó: Argos, 2014.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SPANAVELLO, R.M; AZEVEDO, L.F; VARGAS, L.P; MATTE, A. A migração juvenil e implicações sucessórias na agricultura familiar. **Revistas de ciências humanas**, v. 45, n. 2, p. 291-304, 2011

WANDERLEY, M. de N. B. O mundo rural brasileiro: acesso a bens e serviços e integração campo-cidade. **Estudos sociais e agricultura**, v. 17, n.1, p.60-85, 2009

WANDERLEY, M. de N. B. Olhares sobre o “rural” brasileiro. **Raízes: Revista De Ciências Sociais E Econômicas**, v. 23, n. 1 e 2, p. 82-98, 2004.

WANDERLEY, M. de N. B. emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o rural como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**. n. 15, p. 87-145, 2000.

APENDICE 1: ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Conte um pouco da história da tua família, há quanto tempo moram no campo, há que se dedicam, quantas pessoas moram na propriedade dos teus pais.
2. Conte um pouco da tua decisão de sair do campo. Que idade você tinha? Qual era o contexto daquela época? Quais eram as opções na época?
3. Como conseguiu se inserir no meio urbano? Tinha condições financeiras para essa transição? Familiares na cidade?
4. No momento, a que está se dedicando? Em qual cidade?
5. Está satisfeito ou satisfeita com essa decisão de sair do campo?
6. Você tem irmão ou irmã que teria intenção de continuar gerenciando a propriedade no futuro? Se sim, porque ele ou ela decidiu ficar? Se não, qual é o futuro da propriedade?
7. Em sua opinião, quais as causas que motivaram a ida dos jovens para o meio urbano?
8. E quais seriam os impactos na comunidade?

APÊNDICE 02: TERMO DE CONSCENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO

Concordo em participar, como entrevistado(a) do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de graduação, Jessica Thurow, do curso de Gestão de Cooperativas da Universidade Federal do Rio Grande (campus São Lourenço do Sul), que pode ser contatada pelo e-mail jessicathurow@outlook.com ou pelo telefone 55(53) 84219520.

Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com alunos e professores, visando, por parte da referida aluna a realização de um trabalho de conclusão de curso cujo tema é entender o a saída dos e das jovens do meio rural para a cidade.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura

São Lourenço do Sul, ___ de _____ de 2023